

O PAPEL DO PROFESSOR NA AVALIAÇÃO DISCENTE: A RELAÇÃO EMISSOR-RECEPTOR PARA A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.715132525025>

Data de aceite: 02/05/2025

Ricardo Clemente Rosa

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente; Universidade da Região de Joinville (Univille); Joinville, SC

Daniela Delwing-de Lima

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente; Universidade da Região de Joinville (Univille); Joinville, SC

Marlete Scremin

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente; Universidade da Região de Joinville (Univille); Joinville, SC

Marilda Moraes da Costa

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente; Universidade da Região de Joinville (Univille); Joinville, SC

Antonio Vinicius Soares

Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente; Universidade da Região de Joinville (Univille); Joinville, SC

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo repensar o papel do professor na avaliação discente, com enfoque na importância dessa ferramenta para o processo ensino-aprendizagem, e desta forma, na conquista de um ambiente educacional de qualidade. Nesta perspectiva, a reflexão do assunto se deu em torno de três tópicos: a avaliação como instrumento de aprendizagem; a relação emissor-receptor na avaliação; e o impacto da avaliação discente na implementação de políticas públicas na Educação Superior. Com a investigação fundamentada dos eixos temáticos, é possível perceber ainda, a resistência de uma metodologia tradicional, mecânica, inibindo a diversificação avaliativa, e com isso um diagnóstico mais amplo e significativo da aprendizagem. E o professor através da relação emissor-receptor, é peça fundamental para reescrever os caminhos da avaliação discente na Educação Superior. Dessa maneira, tanto o advento de inovações, quanto o processo ensino-aprendizagem, podem se tornar mais frequentes e eficazes, correspondendo as necessidades do universo acadêmico e aos desafios do mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Professor, Avaliação Discente, Educação Superior.

INTRODUÇÃO

O professor possui um papel fundamental na avaliação discente, principalmente, quando esta análise é disposta como uma ferramenta contínua de auxílio no acompanhamento da construção do saber.

Segundo Silva, Matos e Almeida (2014), em uma avaliação, o aluno deve ser estimulado a pensar, a investigar novos mecanismos, com a finalidade de proporcionar momentos reflexivos e de desenvolvimento do conhecimento.

Sendo assim, o referido instrumento possibilita uma abordagem holística do discente, permitindo um diagnóstico que não se restringe apenas no aspecto intelectual, mas também no relacional e atitudinal (TOBÓN, 2017).

Nesta perspectiva, será que a relação emissor-receptor está sendo conduzida de forma que a avaliação se torne um recurso suplementar para a formação do indivíduo? Ou ainda está ancorada a um método tradicional que se limita ao incentivo de práticas de memorização do conhecimento, e a medi-lo através de notas? E qual o impacto da avaliação discente na implementação de políticas públicas na educação superior?

Muitos pesquisadores têm buscado nessas últimas décadas, uma mudança na qualidade da avaliação, de forma que favoreça o aprendizado, ao invés de apenas mensurá-lo (STIGGINS, 2002; SAMBELL, 2016).

Deste modo, a avaliação discente deveria ser entendida como um dos pilares centrais no processo ensino-aprendizagem, sendo parte integrante do aprimoramento do aluno, e aplicada de maneira que identifique dificuldades e ofereça estratégias de apoio pedagógico.

À vista disso, este estudo se propõe a discutir a função do professor na avaliação discente, permeado por um conjunto de tópicos com o objetivo de provocar reflexões acerca do tema.

A AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

A prova como meio de avaliação discente no âmbito do ensino superior, ainda continua sendo um dos meios mais tradicionais utilizados para medir o desempenho dos estudantes (DOCHY; SEGERS; DIERICK, 2002).

Apesar de ser uma ferramenta de verificação do domínio do conteúdo ensinado, possui limitações, especialmente, quando se pretende entender aspectos mais complexos referente ao aluno, como a criatividade, capacidade de trabalhar em equipe, resolução de problemas práticos e socioemocionais, que não são contemplados por intermédio de provas convencionais. Além disso, este tipo de avaliação pode gerar uma pressão excessiva nos estudantes, restringindo a práticas de memorização do conhecimento, o tão famoso “decorar para a prova, para tirar nota” (VILLAS-BOAS *et al.*, 2018).

De acordo com Bonwell e Eison (1991), as informações armazenadas com esse tipo de estratégia são esquecidas em um curto espaço de tempo.

Como resultado, suprime o verdadeiro aprendizado, já que o aluno só está interessado em tirar uma boa nota, impedindo uma compreensão mais profunda do conteúdo, e tão pouco o desenvolvimento do pensamento crítico.

Conforme Moreira (2011), isso está vinculado a um processo de aprendizagem mecânica, inspirado em métodos tradicionais, impossibilitando a ocorrência de uma assimilação sólida.

As formas de avaliar tem sido alvo de muitas discussões no contexto da educação superior (LOCK *et al.*, 2018), que se compromete a ser cada vez mais reflexiva, crítica e inclusiva. Por isso, é preciso levar em consideração outros métodos avaliativos, que proporcionem ao aluno, expressar outras habilidades e formas de demonstrar o seu conhecimento.

Nesta perspectiva, para que a avaliação se torne uma ferramenta formativa, é preciso fazer parte integrante da aprendizagem, oportunizando uma análise ampla do desempenho e necessidades dos alunos.

A RELAÇÃO EMISSOR-RECEPTOR NA AVALIAÇÃO

O professor como o emissor expõe as suas expectativas, os parâmetros de análise e *feedback*, à medida que o aluno, como receptor, acolhe as informações para utilizá-las da melhor forma possível em suas estratégias de aprendizagem. Entretanto, essa comunicação deve ser dialógica, ambas as partes devem participar do processo avaliativo, possibilitando a construção de um ambiente valioso e colaborativo (HOFFMANN, 2003).

A atribuição do docente nesse contexto, não se resume apenas a emitir um julgamento, classificar por meio de notas, ou decretar sentenças de aprovação ou reprovação, mas também, incentivar e orientar o aprendiz a analisar as suas atitudes, a reconhecer os pontos fortes e as fragilidades, dentro de um acompanhamento contínuo que o torne protagonista do seu progresso (MASETTO, 2018).

Fundamentado nisso, o professor como mediador, precisa criar um ambiente onde o aluno possa participar ativamente da avaliação, oportunizando a autoavaliação, avaliação entre pares, bem como métodos que possam ampliar a visão do aluno sobre seu próprio aprendizado.

Essa conexão preciosa, que deve estar presente durante todo o processo de desenvolvimento do discente, funciona também como uma via de mão dupla.

A bi-direcionalidade dessa relação, influencia no aprimoramento profissional do docente, uma vez que a análise do desempenho dos alunos permite a realização de ajustes em sua prática pedagógica (BARIANI; PAVANI, 2008).

IMPACTO DA AVALIAÇÃO DISCENTE NA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A avaliação discente possui um papel relevante na aquisição de dados que podem ser utilizados para identificar lacunas educacionais. Através de uma análise fundamentada e contínua das competências dos alunos fornecida pelo professor (SILVA JUNIOR, 2014), a Instituição de Ensino é capaz de detectar setores que precisam de ajustes, como por exemplo, a atualização de conteúdos curriculares, metodologias de ensino e infraestrutura. Esses indicadores por sua vez, podem auxiliar no monitoramento e na implementação de programas e ações de incentivo à qualidade educacional.

Outro fator importante envolvendo a avaliação discente, esta relacionada as políticas de fomento à pesquisa e extensão nas Instituições de Ensino.

É necessário que os estudantes estejam engajados de forma ativa nesses campos, que tem como principais objetivos a produção científica, a formação de pesquisadores e a interação entre comunidade e Universidade. E o professor como orientador, exerce um olhar clínico no acompanhamento do desempenho dos alunos nessas áreas, com o intuito de fortalecer os pilares fundamentais de uma Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Torna-se relevante mencionar também, que é através da avaliação discente que muitas Instituições monitoram o impacto da prática pedagógica de seus docentes. Com base nesses parâmetros, um recurso muito utilizado institucionalmente é a avaliação da performance do professor (SPOOREN; BROCKX; MORTELMANS, 2013). Por intermédio desses dados, é possível a realização de políticas públicas com o propósito de capacitação e formação docente, em busca de um ambiente educacional cada vez mais qualificado.

Um outro ponto que vale a pena destacar, estabelece a avaliação formativa, como uma ferramenta para a identificação de alunos com dificuldades de aprendizado ou desinteresse pelo curso (PERRENOUD, 1999). Essas informações contribuem para a criação de políticas de apoio ao estudante, como cursos de nivelamento, programas de reforço acadêmico e acolhimento psicológico, que podem ser introduzidas para melhorar o desempenho acadêmico e reduzir as taxas de evasão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o papel do professor na avaliação discente, é repensar o processo ensino-aprendizagem nas Universidades. Infelizmente ainda participamos de um sistema ritualístico, e muitas vezes incoerente, que favorece o desempenho em ocasiões específicas, em detrimento de um acompanhamento pedagógico mais holístico da evolução do aluno.

Nesse sentido, torna-se necessário mudanças com a finalidade de superar o exercício classificatório em prol do formativo. Quando o propósito se estabelece em apenas na obtenção da melhor nota, o mecanicismo impera, e a aprendizagem deixa de ser algo enriquecedor e transformador.

É importante salientar, que em nenhum momento este estudo teve a pretensão de desvalorizar a prova como método avaliativo, e sim, ponderar a sua utilização como única ou principal forma de avaliação. A implementação da variabilidade didática, tendo como recurso a diversificação avaliativa, pode oportunizar outros meios dos acadêmicos demonstrarem suas habilidades em um aspecto mais amplo, justo e significativo.

Com isso, é possível a construção de um conhecimento sólido, rompendo a barreira da superficialidade, e principalmente dando espaço para um aprendizado próximo da realidade profissional, onde a capacidade de aplicar o que se aprende é muito mais valiosa do que apenas memorizar informações.

Portanto, é essencial que as Instituições de Ensino e os docentes tenham coerência entre o que precisa ser ensinado e forma de avaliação dessa aprendizagem.

As estratégias bem conduzidas, podem gerar mudanças na qualidade educacional, e o professor é um agente indispensável para essa melhoria, se tornando o elo principal para a criação de políticas públicas eficazes na Educação Superior.

Os argumentos desse estudo cumprem o propósito de reflexão de apenas um aspecto dentre os numerosos desafios existentes na Educação Superior.

Em um ambiente de constante transformação e exigências do mercado de trabalho, torna-se fundamental a ampliação de pesquisas nesta área. Afinal, a realidade do universo acadêmico e os fatores envolvidos no processo ensino-aprendizagem, fazem parte da qualidade de formação dos profissionais do futuro.

REFERÊNCIAS

BARIANI, I. C.; PAVANI, R. Sala de aula na universidade: espaço de relação interpessoais e participação acadêmica. **Revista Estudos de Psicologia**, 25(1), p. 67-75, 2008.

BONWELL, C.; EISON, J. **Active learning: creating excitement in the classroom**. ASHE -ERIC Higher Education Report N. 1. Washington, DC, EUA: The George Washington University School of Education and Human Development, 1991.

DOCHY, F.; SEGERS, M.; DIERICK, S. Nuevas vías de aprendizaje y enseñanza y sus consecuencias: una nueva era de evaluación. **Boletín de la Red Estatal de Docencia Universitaria**, v. 2, n. 2, p. 13-29, 2002.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 20. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LOCK, J. *et al.* Navigating the tensions of innovative assessment and pedagogy in higher education. **The Canadian Journal for the Scholarship of Teaching and Learning**, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2018.

MASETTO, M.T. A formação do professor iniciante para a docência no ensino superior. *In*: BUOGO, A. L. *et al.* **Formação de professores no ensino superior e os desafios da contemporaneidade**. Caxias do Sul: Educs, p.227-244, 2018.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**: a teoria e textos complementares. São Paulo: Livraria da Física, 2011.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAMBELL, K. Assessment and feedback in higher education: considerable room for improvement? **Student Engagement in Higher Education**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2016.

SILVA, D. S. G.; MATOS, P. M. S.; ALMEIDA, D. M. Métodos avaliativos no processo de ensino e aprendizagem: uma revisão. **Cadernos de Educação**, v. 47, n. 1, p. 73-84, 2014.

SILVA JÚNIOR, A. *et al.* Políticas públicas para a educação superior: a avaliação, a regulação e a supervisão de IES privadas em debate. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 215-240, 2014.

SPOOREN, P.; BROCKX, B.; MORTELMANS, M. On the validity of student evaluation of teaching: the state of the art. **Review of Educational Research**, v. 83, n. 4, p. 598-642, 2013.

STIGGINS, R. J. Assessment crisis: the absence of assessment for learning. **Phi Delta Kappan**, v. 83, n. 10, p. 758, 2002.

TOBÓN, S. **Evaluación socioformativa**: estrategias e instrumentos. Mount Dora, EUA: Kresearch, 2017.

VILLAS-BOAS, V. *et al.* Aprendizagem ativa: fundamentos, métodos e estratégias. In: BUOGO, A. L. *et al.* **Formação de professores no ensino superior e os desafios da contemporaneidade**. Caxias do Sul: Educs, p.281-316, 2018.